

# AUTOBIOGRAFIA E AUTOFICÇÃO EM INFÂNCIA DE GRACILIANO RAMOS

## AUTOBIOGRAPHY AND AUTOFICTION IN CHILDHOOD OF GRACILIANO RAMOS

Maria das Graças Noêmia Rodrigues da Silva (UESPI)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo desse estudo é investigar como se dá a representação da autobiografia e da autoficção na obra *Infância* de Graciliano Ramos. Para viabilizar a pesquisa parte-se das seguintes questões norteadoras: Quem foi Graciliano Ramos e como ele se tornou um escritor renomeado? Como foi a infância de Ramos? O que predomina da obra é autobiografia ou a autoficção? Como a memória dos fatos vividos é expressa no texto narrativo escolhidos como objeto de estudo? Este trabalho é parte do projeto de pesquisa PIBIC tendo como plano de trabalho o estudo em tela. Assim, foi realizada a análise da obra *Infância* explicitando as marcas autobiográficas e auto ficcionais, aprofundamento das leituras teóricas sobre o tema estudado, abordando a teoria com as passagens das obras resultando na seleção bibliográfica e na leitura das principais produções teórico críticas. No debate lançamos mão das contribuições de Lejeune (2008), Mireaux (2005), Costa (2013) para viabilizar o entendimento sobre autobiografia, Willemart (2009), Alberca (2007) e Kohan (2016) para discutirmos sobre a autoficção, Halbwachs (1990) Izquierdo (2018) e Candau (2018) para viabilizar a compreensão sobre a memória. Esta pesquisa se justifica por aproximar as teorias da escrita de si e auto ficcionais com a obra *Infância*. Os resultados obtidos apontam para o texto produzido por Graciliano Ramos como sendo pertencente ao gênero autobiográfico mas deve ser lido como texto autoficcional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia. Autoficção; Infância.

**ABSTRACT:** The aim of this study is to investigate how the representation of autobiography and self-fiction occurs in the work *Infância* de Graciliano Ramos. In order to make the research feasible, we start with the following guiding questions: Who was Graciliano Ramos and how did he become a renowned writer? How was Ramos' childhood? What predominates in the work is autobiography or self-fiction? How is the memory of the facts experienced expressed in the narrative text chosen as the object of study? This work is part of the PIBIC research project with the study on screen as its work plan. Thus, the analysis of the work *Childhood* was performed, explaining the autobiographical and auto fictional marks, deepening of the theoretical readings on the studied subject, approaching the theory with the passages of the works resulting in the bibliographical selection and in the reading of the main critical theoretical productions. In the debate, we used the contributions of Lejeune (2008), Mireaux (2005), Costa (2013) to facilitate the understanding of autobiography, Willemart (2009), Alberca (2007) and Kohan (2016) to discuss self-fiction, Halbwachs (1990) Izquierdo (2018) and Candau (2018) to facilitate understanding about memory. This research is justified by bringing theories of writing closer to oneself and self-fictions with the work *Childhood*. The results obtained point to the text produced by Graciliano Ramos as belonging to the autobiographical genre but must be read as a self-fictional text.

**KEYWORDS:** Autobiography. Self-fiction; Childhood

### Introdução

No início do século XX até o momento atual houve um aumento significativo das produções de escritas de si, comparado aos períodos anteriores. Estes textos geralmente eram escritos por famosos, ou pessoas que tiveram um papel importante na história. Essas obras descreviam as ações, a vida e a trajetória dessas pessoas, com intuito de que uma comunidade ou

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Licenciatura Plena Letras Espanhol da Universidade Estadual do Piauí.

o mundo conhecessem esse indivíduo que auto se narra. Dessa forma, diferencia-se do contexto atual, visto que hoje qualquer pessoa pode escrever sobre sua vida e talvez ter o mesmo impacto na recepção como a desses famosos, a exemplo temos, *Persepolis* (2000) Marjane Satrapi fala dos problemas da guerra no Irã como também narra o início da revolução conservadora, *O Diário de Myriam* (2018) fala da rotina dela e de sua família vivendo em um país em guerra na Síria e *O quarto de Despejo* (1960) relatos de Carolina Maria de Jesus que narram a vida sofrida da mulher negra, pobre vivendo na favela e trabalhando com catadora de lixo.

Essa necessidade de auto representar-se através da escrita, não é exclusividade dos séculos XX e XXI. Podemos apontar umas das diferenças, dessas narrativas de vida comparada aos períodos anteriores e o contexto atual, era aceitação, visto que antes tais textos, eram desconhecidos e nem tratados como sendo textos literários. Como um dos exemplos de escritas de si mais antigas podemos apontar *as confissões de Santo Agostinho* que foi escrita nos anos 397 e 398 d. C, considerado um livro autobiográfico, o autor relata a própria a vida, antes da conversão em primeira pessoa. E assim com o transcorrer dos anos, esse gênero (escritas de si) desenvolveu-se, e conquistou espaço. Hoje se classificam como: diários, relatos de viagens, cartas, diários de bordo, histórias de vida, memórias, biografias, autobiografias e auto ficções. Essas duas últimas mencionadas são o foco de investigação e objeto de estudo desse trabalho, tendo como foco o texto *Infância* de Graciliano Ramos (1945).

A autobiografia teve seu ápice a partir dos estudos realizados por Philippe Lejeune e com a publicação do livro *Pacto autobiográfico*. Nessa pesquisa o autor nos apresentou a definição, a trajetória histórica, e os elementos e características envolvidos nesse processo de escrita, e além disso, foi apresentado o pacto autobiográfico, que é relação do autor com o leitor e o compromisso de falar a verdade. Suas pesquisas foram alvos de críticas e discussões, e desses debates surge a autoficção. Quem iniciou as primeiras investigações e criou esse nome (autoficção) para esse tipo de escrita foi Serge Doubrovsky com o livro *Fils*, que teve como objetivo o desafio de preencher a casa cega ou casa vazia presente no livro de Lejeune.

As teorias autobiográficas e auto ficcionais, se assemelham em algumas características como o eu como centro da narrativa, a relação do autor com o narrador e personagem e a história narrada trata da vida de quem escreve o livro, porém existem diferenças, principalmente quando se trata dos pactos estabelecidos e a forma com as memórias são representadas nas narrativas. O *corpus* de análise deste projeto pesquisa é o texto produzido por Graciliano Ramos: *Infância*. Para efetivar a pesquisa partimos das seguintes inquirições: Quem foi Graciliano Ramos e como ele se tornou um escritor renomeado? Como foi a infância de Ramos? O que predomina da

obra é autobiografia ou a autoficção? Como a memória dos fatos vividos é expressa no texto narrativo escolhidos como objeto de estudo? Os seguintes questionamentos serão respondidos no decorrer da pesquisa.

O presente trabalho justifica-se por aproximar as teorias autobiográficas e autoficcionais com a obra *Infância* de Graciliano Ramos visto que ela é considerada pela crítica como autobiográfica, devido as semelhanças que ela possui com o pacto estabelecido entre o autor, narrador e personagem considerando que o tema de pesquisa é bem pertinente na época atual do ponto de vista das discussões teóricas sobre a temática da auto ficcionalidade. Essas novas narrativas fazem surgir novas formas de narração e apropriação do material histórico pois, além do seu caráter inovador, – tendo em vista que as narrativas anteriores eram consideradas bastante realistas – também propõem um reconhecimento de se formar o futuro por meio das tradições do passado e dos poderes a serviço do presente. Outro ponto importante é conhecer o autor Graciliano Ramos visto que ele foi um dos grandes romancistas do Nordeste e destacou-se por sua escrita regionalista com valor crítico social.

Vale ressaltar o autoconhecimento presente na obra. Pois a medida que Graciliano Ramos decide narrar sua vida, ele passa pelo processo de autorreflexão. A crítica analisa o passado para saber quem era ele e como sua identidade foi formada porque também esta é uma forma de rastrear os dados biográficos do autor e verificar a presença ou não da auto ficção em sua obra literária.

*Infância* é uma obra reconhecida pela crítica como sendo autobiográfica publicada em 1945 por Graciliano Ramos. É uma narrativa que fala das lembranças do autor, do período da infância até uma certa idade da adolescência. Está dividida em 39 capítulos que podem ser lidos separadamente ou em conjunto. Na obra ele narra relações familiares, a convivência com as pessoas da vila, os costumes, os desafios do homem do sertão, o processo complicado e sofrido de alfabetização de Ramos, entre outros temas. Narrada em primeira pessoa, oscilando entre o olhar da criança e o olhar do adulto como ilustra bem o trecho: “Notei a singularidade quando principiaram a elogiar o meu paletó cor de macaco. Examinavam-no serias, achavam o pano e os aviamentos de qualidade superior, o feitio admirável. Envaideci-me: nunca havia reparado tais vantagens (RAMOS, 2015 p.204). Nesse fragmento é relatado a lembrança no qual essas garotas estavam lhe observando e elogiaram seu paletó, identifica-se a voz da criança devido a ingenuidade e pureza da mesma, de não ter compreendido a situação de imediato. As garotas o elogiaram, mas se tratava de uma ironia, como ele não sabia ficou entusiasmado por alguns minutos imaginando que o paletó era bonito. E conforme na citação “ Guardei a lição, conservei

longos anos esse paletó. Conformado, avalei o forro, as dobras e os pespontos das minhas ações cor de macaco. Paciência, tinham de ser assim” (RAMOS, 2015 p.204). Nesse fragmento, identifica-se a voz do adulto porque o autor ao retornar ao momento relatado já possui uma compreensão melhor dos fatos, ele retorna o momento sabendo que aquela situação se tratava de uma ironia, já possui outra impressão daquela memória.

No decorrer da narrativa Graciliano passa pelo processo de amadurecimento. Conforme os desafios da vida, ele vai adquirindo experiências, e muda os conceitos, as posturas e os valores. Ele foi uma criança questionadora e curiosa, que tinha interesse de compreender as pessoas, o mundo, e as respostas para suas dúvidas. Vivia em um ambiente hostil, com pessoas que não lhe compreendiam, não lhe permitiam falar, perguntar ou se expressar e muitos de suas dúvidas eram considerados banais e teve que se adaptar as repreensões que não era somente no ambiente familiar como na escola. Essa situação muda com a aprendizagem da leitura. Foi um período sofrido, lento e aterrorizante para a criança, porque a forma como lhe ensinavam era agressiva, priorizavam a memorização, e utilizavam da intimidação para incentivar e isso somente dificultou no seu processo de aprendizagem, auxiliando na antipatia que ele sentia pelos livros. Quando aprendeu a ler, a descoberta lhe surgiu de forma surpreendente. Ele sentia desejo, gosto e interesse. Dessa vez era ele mesmo que buscava os livros. A leitura permitiu acesso ao conhecimento, e as respostas de suas dúvidas conforme no seguinte fragmento “Enxergara a libertação adivinhando a prosa difícil. O pensamento se enganchava trôpego no enredo: as personagens se moviam lentas e vagas, pouco a pouco se destacavam, não se distinguiam dos seres reais.” (RAMOS, 2015, p. 220). Graciliano Ramos era uma criança ignorante e tímida, após a leitura se transformou em um garoto esperto, inteligente e desinibido, que conseguia desenvolver uma conversa, e sabia a perguntar e argumentar. A partir desse momento, ele passou a ser ouvido e respeitado “Recebendo as cartonagens, Jovino travou comigo um diálogo: espantou-se, franziu os beiços, machucou o bigode, coçou a cabeça, entalado. E deixou-me paz, esteve semanas sem me dirigir a palavra, [...]” (RAMOS 2015 p.232). No exemplo acima, trata-se de uma memória no qual o professor conversava com Graciliano e ele ficou surpreso como uma criança daquela idade sabia desenvolver e articular tão bem o diálogo, como também ficou intimidado do conhecimento que o menino sabia, e essas habilidade foram em decorrência do que aprendeu nas leituras.

Sobre o escritor é relevante mencionar que Graciliano Ramos foi um escritor brasileiro da segunda geração do modernismo, suas obras geralmente apresentam posicionamento crítico e reflexivo com relação aos problemas sociais, o mundo, a natureza do homem e a políticas entre

outros. É autor de várias obras, dentre as mais conhecidas estão: *Angústia*, *Vidas secas*, *Infância*, *São Bernardo*, *Memória de cárcere* entre outras. Passou parte de sua infância na cidade de Buíque, em Pernambuco, e parte em Viçosa, Alagoas. Ao completar 18 anos mudou-se para Palmeira dos Índios, onde seu pai abriu um pequeno comércio. Em 1914 começou a trabalhar como revisor no Correio da Manhã, trabalhou também nos jornais A Tarde e O Século, além de colaborar com os jornais Paraíba do Sul e O jornal de Alagoas em 1930 foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, cargo que renunciou dois anos depois da posse. Mudou-se para Maceió onde assumiu a direção da imprensa oficial e da instrução Pública do Estado. Em março de 1936 foi preso em Maceió com suspeita que estava vinculado ao estado comunista. Na prisão, publicou *Angústia*, após a liberdade foi conviver com a família no Rio de Janeiro. Iniciou a publicação de alguns contos no jornal argentino La Prensa, entre eles o texto Baleia que faria parte da edição *Vidas Secas*.

Graciliano Ramos ganhou alguns prêmios como a obra *Angústia* pelo Prêmio Lima Barreto 1936, pela obra *Vida secas* ele ganhou o prêmio William Faulkner Foundation em 1963 e o terceiro lugar no concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação pela obra *A Terra dos Meninos Pelados* em 1937. Publicou *Infância* em 1945 e uniu-se ao partido comunista. Sete anos depois viajou com sua mulher a união Soviética, e o livro com relatos dessa viagem foi publicado em um livro póstumo. O quadro de saúde dele se agravou e morreu em 20 de março de 1952 de câncer no pulmão. Assim, partindo dessas informações do autor e sua narrativa *Infância* segue nossa reflexão sobre o olhar que a teoria denominou de autobiografia e autoficção.

## **Autobiografia**

Conhecemos verdadeiramente nosso eu? O eu debaixo de todas as máscaras que colocamos? E da camuflagem que escondemos nossas fraquezas e imperfeições? O eu por trás da imagem que os outros possuem e criam de nós? São questionamentos aparentemente simples, mais difíceis de responder. Conheça a ti mesmo, frase que foi instalada na entrada do templo de Apolo em Delfos não poderia representar melhor o primeiro desafio que os autobiógrafos enfrentam: o autoconhecimento. Primeiramente, porque para falar de uma vida ou pelo menos uma parte dela, parte-se do princípio de saber quem eu sou, depois como representá-lo, como reconstruir os momentos vividos, como manter a originalidade e a verdade e ao fazer este exercício o autor que escreve sobre si, tem de pôr seu eu em banho maria.

Como representar tudo isso se o eu de hoje não é o eu de ontem e nem será o de amanhã? O homem que volta ao mesmo rio, nem o rio é o mesmo rio, nem o homem é o mesmo homem.

Esta frase do filósofo Heráclito podemos associá-la as numerosas transformações que o mundo e a sociedade sofrem. Porque, mudam-se as estações, os anos, as pessoas, e as ideias, e o indivíduo não poderia manter-se estático em meio as diversas metamorfoses do mundo. E os autores das autobiografias possuem a sensibilidade de captar esses vários “eus” que se perdem em meio as constantes transformações, os “eus desnudos” sem camadas de maquiagem e as roupas de proteção.

Para Lejeune autobiografia é a “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2008, p. 14). E para que haja autobiografia é necessário segundo ele, que haja relação entre autor, personagem e narrador. Na obra *Infância* verifica-se essa relação. O autor é identificado na capa do livro, o narrador e o personagem é o Graciliano e essa afirmação evidencia-se no decorrer da história, através da utilização dos pronomes: “eu”, “me”, “nós”, “meu”, “minhas” e os verbos conjugados em primeira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural, conforme no seguinte trecho “Pareceu-me que a figura imponente minguava- e a minha desgraça diminuiu. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem arrepio que a presença dele sempre me deu. (RAMOS, 2015, p.). Na passagem acima, fala do remorso do pai de Graciliano, que se arrependeu de tê-lo surrado por algo que ele não havia feito. Conforme dito anteriormente foi utilizado pronomes possessivos, pronomes oblíquos e os verbos estão conjugados em primeira pessoa, explicitando a voz em primeira pessoa, que é exatamente do autor.

As memórias de Graciliano, ilustram situações e momentos que o autor vivenciou, que é algo característico das autobiografias, conforme pontua Lejeune (2008, p. 14), que nas autobiografias o assunto tratado é a vida do autor. No seguinte fragmento verifica-se essa relação “Quem me deu o primeiro cálice de licor foi a morena vistosa, mas não sei quem deu o segundo. [...] Comportei-me indecentemente, perdi a vergonha, achei-me à vontade, falando muito, desvariando e exigindo o licor” (RAMOS, 2015 p.42), Graciliano fala da primeira vez que abusou da bebida, se comportando de forma imprudente. Ou seja, é uma situação que ocorreu com o autor em determinada época, que ele vivenciou, fazendo parte de sua vida pessoal e de suas memórias, no decorrer da narrativa as situações narradas são momentos que ele viveu. Para COSTA a escrita autobiográfica é importante para o autoconhecimento, conforme na passagem:

É através da evocação do nosso passado que tentamos explicar o nosso presente, nossa identidade, como ela se formou, como nos tornamos este sujeito, e fazemos isso conversando com nós mesmos, refletindo sobre nós,

analisando nossa personalidade. Como nos tornamos o que somos? O que justifica nossas escolhas? Quem somos nós? (COSTA, 2013 p.24)

Nas autobiografias, o autor se depara primeiramente com o desafio de descobrir que ele é, para responder ele precisa voltar para o passado, buscar em suas memórias as situações, as escolhas, as perdas, traumas, e marcas que influenciaram e moldaram o homem que ele é hoje ou que se transformou. A escrita autobiográfica permite essa autoavaliação, colocar as lembranças em uma balança e verificar qual delas o peso foi maior, olhar para a vida com outros olhos, o olhar crítico, maduro e reflexivo, que no período em que essas memórias ocorreram não foi possível ver, tudo isso trata-se do autoconhecimento. Conforme no exemplo seguinte “hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. (RAMOS, 2015, p. 35). Verifica-se no trecho acima que Graciliano se tornou um homem que não suporta gritos e discussões, devido a sua relação com seu pai, que no seu ambiente familiar as relações eram construídas a base de gritos, castigos e repreensões.

Miriaux afirma que a escrita autobiográfica é importante para rever o passado e compreender o futuro, conforme se verifica abaixo:

La escrita autobiográfica erigida como monumento ejemplar, reviste entonces dos funciones: volviéndose hacia el pasado, describe los episodios importantes de una vida particularmente rica en acontecimientos y en relaciones. Volcada hacia el porvenir, se basa en la singularidad de las experiencias vividas para proponer interpretaciones del mundo y enfoques ampliando y nuevos de las sociedades humanas. (MIRAUX.2005, p. 48).

Nesse fragmento compreende-se que no processo de escrita autobiográfica, o autor relata suas experiências e vivências em um determinado contexto histórico, e nesses relatos ele escreve suas interpretações e análises, é natural que o autor realize também suas críticas e posicionamentos, e essas interpretações permite novas reflexões, acerca de uma temática, fatos ou problemas sociais que servirá não somente para os leitores de hoje como para os de amanhã. Há exemplo “Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos não ler.” (Ramos, 2015, p.206). Nesse fragmento Graciliano fala do seu período escolar, mais ele não só tinha como objetivo descrever esse período, como também propor novas interpretações sobre as escolas, os professores e os métodos de ensino aplicados. O método da intimidação, professores sem formação, escolas sem estruturas

contribuíam para o bloqueio da aprendizagem assim como ocorreu com ele, que aos nove anos não sabia ler.

## **Memoria**

Assim, para pensar a reconstrução das lembranças é importante trazer à tona que ao longo de uma vida o ser humano passa por fases, desde o nascimento até a morte. Ele nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. Nesses períodos o homem constrói relações e cria laços de afetividades, como por exemplo pessoas da família, amigos e trabalho. O homem possui em sua natureza, a necessidade de socializasse, por isso ele se insere em grupos e comunidades, e é nessas interações é que ele vivencia momentos, como por exemplos traumas, vitórias, desafios e são esses fatores e outros mais que farão parte da memória do indivíduo. As lembranças contidas, que são aquelas que foram armazenadas e que ele consegue rememorar-las, e são trabalhadas em obras autobiográficas e nos seus gêneros vizinhos.

Para Ivan Izquierdo memória significa armazenamento de informações conforme pontua “Memória’ significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se grava aquilo que foi aprendido” (IZQUIERDO,2018 p.1). Baseado nesse pensamento compreende-se que a memória é preservação de momentos e ações que o homem fez, com base no que ele absorveu e compreendeu.

Candau enfatiza a importância da memória no sentido de consciência de si e formação da identidade “Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração[...] (CANDAU, 2018 p. 60). Ou seja, as memórias são informações armazenadas que o homem utiliza diariamente, por exemplo para falar correr ou caminhar, como também para trabalhar e estudar entre outros. São essas lembranças que permite ao homem a consciência de que ele é um indivíduo, uma pequena partícula nesse mundo, que faz parte de algo, que possui uma função e possui emoções e pensamentos. Sem memórias como o próprio autor afirma, ele seria vazio, vazio de conhecimento e de consciência de si.

Nessa linha de pensamento, sobre as memórias pontua-se as argumentações de Maurice Halbwachs o qual foi um sociólogo francês. Sua obra *A memória coletiva* (1990) aborda a memória associando-a fatores como sociedade, afetividade, história e transformações sociais. Ele trabalha

as lembranças sob a perspectiva da coletividade. Conforme no fragmento, “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós” (1990, 26). Apoiando nesse conceito pode-se inferir, que existem memórias individuais, ou seja, são aquelas que somente eu as vi e presenciei, portanto só pertencem a mim como também existem as que são coletivas que envolvem mais de uma pessoa, mas a primeira ainda sim se classifica como memória coletiva, porque estamos inseridos querendo ou não, em um contexto histórico e em uma sociedade, e os acontecimentos desse período em nessa determinada comunidade fazem parte de uma memória em comum e compartilhada por um grupo.

Na obra *Infância*, percebe-se que no decorrer da narrativa Ramos está inserido em diversos comunidades como por exemplo na sociedade brasileira, nordestina, familiar, da vila, da escola entre outros. Nesses ambientes sociais, suas relações foram construídas, ocorreram situações e momentos que são comuns e de conhecimento de um grupo, portanto a memória é coletiva. Conforme evidencia-se na passagem:

Tínhamos deixado a cidadezinha onde vivíamos, em Alagoas, e entrávamos no sertão de Pernambuco, eu, meu, pai, minha mãe, duas irmãs. Mas pai e mãe, entidades próximas e dominadoras, as duas irmãs, um natural mais velho que eu, a outra legítima, direita, dois anos mais nova, eram manchas paradas. (RAMOS, 201f 5, p. 11)

No trecho acima verifica-se que Graciliano Ramos ao narrar uma das migrações que ele e sua família fizeram, descreve os membros de sua comunidade familiar. Evidencia-se nesse fragmento, que ele está vinculado a laços afetivos (família), situado em contexto histórico século XIX, um período marcado por muitas migrações devido as secas, e nessa memória participa mais de uma pessoa, como ele próprio descreve, sendo de conhecimento de todos que participaram dessa memória, esse período crítico que eles vivenciaram. Tratando-se de uma memória coletiva. Nessa mesma direção Candau pontua algumas teorias, o mesmo defende a memória coletiva, mais ele contrapõe a teoria de Halbwachs somente com relação a interpretação que cada um possui “Enfim, mesmo que exista em uma determinada sociedade um conjunto de lembranças compartilhadas pelos seus membros, as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes[...]” (CANDAU, 2018 p. 36). As evocações serão diferentes, porque mesmo uma situação em que essas comunidades vivenciaram juntos, a forma como viram e assimilaram é singular, cada um possui seu ponto de vista acerca do que suceder na vida e no mundo.

É importante relatar a questão da memória histórica e memória coletiva, que na obra de Graciliano caminham juntos. Apoiando nos conceitos de Halbwachs (1990, p 54 e 60) podemos concluir que história é uma sucessão de fatos, momentos, conflitos que ocorreram em uma sociedade, região ou o país e são selecionados, organizados e fixados por escrito e encontra-se geralmente em livros, revistas, sites e são passados em escolas e universidades e nas mídias. Já as memórias coletivas são essa sucessão de fatos, momentos e conflitos, porém como essa sociedade sentiu, vivenciou e viu. A história se apresenta na obra, porque querendo ou não, todos os indivíduos estão inclusos em uma data, mês, ano, década e século, estamos inseridos em um contexto histórico. E a narrativa de *Infância* não seria diferente. Primeiramente porque o autor viveu e presenciou dois séculos XIX e XX, esses dois períodos foram marcados por conflitos, guerras, problemas econômicos e sociais, que são narrados através das vivências e compreensões do autor.

Um dos exemplos dessa relação de história e memória, podemos apontar a representação do nordeste do século XIX e XX. Na obra ilustra como era a vida do homem nessa região “Nos meses de secas, os raros habitantes daqueles cafundós mexiam-se cavando bebedouros na areia, cortando em cestos mandacaru para o gado, que se finava no carrapato. Dobravam-se nas redes. As mãos sangravam no trabalho rijo[...]” (RAMOS, 2015 p. 140). Nessa passagem o autor fala como era a rotina de seu avô e dos habitantes da cidade no período das secas, e desse fragmento pode-se ter uma visão de como era a situação dos nordestinos nessa crise e como viviam. As secas afetavam toda a região, provocavam a morte do gado, afetava as plantações, e provoca doenças, todos esses fatores auxiliou nos maiores índices de migrações, no desemprego e nas taxas de mortalidade, evidenciando as desigualdades sociais, a má distribuição de renda e descaso do governo recorre às suas memórias e escreve sobre elas.

Outro fato é com relação as políticas da região. Os coronéis e os senhores das fazendas eram pessoas que possuíam grande influência e poder nas cidades. Para controle e estratégias políticas utilizavam-se de condutas corruptas baseadas em privilégios e favores. No seguinte trecho “Nada percebia de lei, possuía conhecimentos gerais. Os muito precários. Mas estava aparentado com senhores de engenho, votava na chapa do governo, merecia a confiança do chefe político — e achou-se capaz de julgar (RAMOS, 2015, p. 238). Nesse exemplo Graciliano Ramos aborda como era a política corrupta do sertão nesse período, com o exemplo do cargo de juiz que foi dado ao seu pai. O mesmo não possuía conhecimento, formação e nem domínio para essa função, porém para o pai de Graciliano era uma forma de conseguir dinheiro e sustentar sua família e para as autoridades da região (políticos, delegados, fazendeiros, senhores do engenho

etc.) era uma maneira de manter domínio e poder dentro da lei, através das subordinações, a leitura destes trechos ilustram a crítica elaborada e subjetiva de Graciliano sobre a situação política do Nordeste e a submissão do povo do sertão.

A presença da historiografia pode ser verificada na forma como se expressa sobre a liberdade dos negros. A lei Áurea foi sancionada em 13 de maio de 1888, o autor nasceu 4 anos depois, então na narrativa *Infância* pode-se verificar como foi o processo de pós liberdade, como os negros eram tratados, onde eles viviam ou o que faziam. Evidencia-se essa relação no seguinte fragmento “Ali agachado e contrito, perto da negra Vitoria e de Maria Moleca, voluntariamente escravas porque não tinham em que empregar a liberdade, reduzia-se muito, não se diferenciava quase de Ciriaco, pastor de cabras”(RAMOS, 2015, p.138). Nessa passagem compreende-se um pouco como foi a vida dos negros após a lei Áurea. A vida de duas mulheres que viviam na casa do avô de Graciliano, note-se a expressão “voluntariamente”, entende-se pelo significado de voluntário algo que você faz por livre espontânea vontade, não era o caso delas. Elas não estavam ali porque queriam, estavam por necessidade, por sobrevivência. Suas liberdades foram concedidas, entretanto não lhe forneceram a inclusão social, respeito e subsídios para viver em uma sociedade enraizada no preconceito racial. Os negros não possuíam moradia, emprego e alimentação, a segregação racial era elevada e alguns preferiram ficar na casa de seus “ex-donos” fazendo o que já faziam com todas as humilhações e castigos em troca de teto e alimentação, como é o caso dessas mulheres, que se submetiam-se ao jugo ou viviam para ver suas famílias e a si mesmos morrerem de inanição.

Com bases nos argumentos de Halbwachs, enfatiza a diferença da memória histórica e da memória coletiva (1990, p. 82 e 88), de acordo com suas perceptivas pode-se concluir que a memória histórica grava e armazena os fatos e momentos importantes de uma sociedade, porém a mesma reproduzirá somente a superficialidade da situação, o resumo sem muito extensão dos acontecimentos. Já a segunda ela já é mais abrangente. Ela retrata esses acontecimentos de dentro, como esses situações atingiram a sociedade, com as pessoas reagiram e como se sentiram. A memória coletiva é mais profunda porque envolve mais uma riqueza de detalhes e envolve também, sentimentos como perdas, dor, raiva e traumas entre outros. Em obras consideradas escritas de si, as memórias retratadas são as coletivas.

### **Autoficção**

Os gêneros que são considerados escritas de si como as autobiografias, diários, relatos de viagens, cartas etc. eles se assemelham justamente porque o conteúdo que relata, gira em torno do

eu (autor) e das pessoas que fazem ou fizeram parte de sua vida. Nesse sentido, a necessidade de o homem narrar é porque ele é feito de histórias. Lejeune afirma “[...] todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé” (LEJEUNE, 2008 p. 104). O homem é formado de suas experiências, para ele narrar algo ele precisou vivenciar aquele momento, ou testemunhou, então muda-se os dias, séculos e períodos, e surge novos desafios, problemas, pessoas, sonhos, guerras, e cenários políticos. Todos esses fatores são histórias, que o homem vivencia, fazem parte das memórias, o homem é feito de suas vivências.

A escrita surgiu a 4.000 a.C. primeiramente com a finalidade de comunicação, depois para aprimorar e agilizar as relações comerciais e finalmente como registros dos acontecimentos daquela civilização. Mas ela também surgiu com a necessidade do homem de expressar-se e extrair tudo aquilo que oralmente não conseguiria representar. A partir disso, ela permitiu para a humanidade registrar fatos, ideias, descobertas e conhecimentos. A escrita permitiu ao homem materializar aquilo que ele não conseguiria falar ou pelo menos não poderia. Com base nessas perspectivas faladas anteriormente, de que o homem é feito de narrativas e de sua necessidade de expressar, é que as escritas de si surgiram.

Nesses gêneros encontra-se pensamentos, crenças e pontos de vistas que são relatados em primeira pessoa. E esses parâmetros são relatados nas autoficções. Elas se assemelham as autobiografias, porque existe alguém que narra e essa pessoa possui relação com o autor, narrador e personagem, como também a narrativa fala sobre a vida do autor, entretanto elas se diferenciam nos pactos estabelecidos. A autobiografia estabelece o pacto autobiográfico (verdade) e autoficção o pacto ambíguo (hipotético).

Segundo Alberca “Una autoficción es una novela o relato que se presenta como ficticio, cuyo narrador y protagonista tienen el mismo nombre que el autor” (2007, p158). É uma narrativa no qual o próprio autor conta sobre sua vida ou uma parte dela, que contém relatos biográficos, pois os momentos que autor relata ele os vivenciou, como também possui relatos imaginados. A autoficção é a mistura de lembranças reais com lembranças fantasiadas. Conforme Kohan, a autoficção é uma área ou gênero, que não possui fronteiras que determine onde começa e termina a autoficção:

Autoficción no son memorias, no son diarios, no son biografías: asimila la autobiografía, los diarios, las memorias, el ensayo, la novela, la filosofía, la poesía. Es un territorio indefinido entre lo real y lo imaginado. En ocasiones, es más cercana a la escritura autobiográfica propiamente dicha; en otras, a la novelesca, siempre conectada de alguna manera a la experiencia vivida. Es la escritura del Yo que se diversifica y ocupa todos los espacios. (KOHAN, 2016 P. I)

Sob esse ponto de vista, compreende-se que a autoficção é uma escrita de si, só que diferente dos outros gêneros como dos diários, das memórias, das biografias elas não possuem um padrão ou modelo que facilite a identificação de imediato, muito menos regras que limite e nos direcione encontrá-la em uma narrativa. E muito menos vem acompanhada de um “manual”, que seguindo as instruções encontrará em determinado ponto a autoficção e no seguinte a autobiografia. Ela é um campo vasto, sem leis e limites que permite trabalhar com os dois pactos o da verdade e o ambíguo, fatos verídicos e fatos imaginários se misturam com tanta facilidade, que em uma primeira leitura e sem informações prévias do autor não seria possível identificá-la.

Kohah defende que que as autoficções desenvolve-se nos processos de recordação, conforme pontua “En este sentido, recuerdos y pensamientos son «ficciones del yo» que la autoficción pone en movimiento (2016, P.I). Apoiando nesse conceito, compreende-se que as memórias ao longo dos anos sofrem alterações, por exemplo recordar e narrar algo que aconteceu há 20 minutos será mais fácil que narrar algo que ocorreu há 30 anos. Existem vários fatores que provocam alterações nas memórias, como contexto atual no qual a pessoa que rememora está inserida, os valores adquiridos, a idade, as experiências. Todos esses fatores entre outros modificam a imagem e impressão que a pessoa possuía daquele determinado acontecimento. O homem ainda não possui a capacidade de rememorar algo e narrar exatamente como aconteceu, e com riquezas de detalhes, as memórias na verdade são misturas de outras memórias acompanhada de novas interpretações e impressões daquele momento, que no processo de relatar, será diferente de como exatamente aconteceu devido a isso para Kohan as memórias são funcionalizadas.

Essa afirmação confirma com a teoria de Izquierdo “A repetição da evocação das diversas misturas de memórias, somada à extinção parcial da maioria delas, pode nos levar à elaboração de memórias falsas”. (IZQUIERDO,2018 p.28). O indivíduo é formado por lembranças, que se originadas das suas experiências no decorrer de sua vida, ele tem grande capacidade de armazenamento, só não possui domínio no processo de selecionar as memórias que deve ser armazenadas e recordá-las exatamente como aconteceu. Existem memórias que são apagadas, outras que são guardadas esperando o momento certo para aflorar, existem as que são lembradas intensamente, e aquelas que são modificadas. Essa por última mencionada, são criadas das misturas de várias outras memórias, como também dos fatores mencionados anteriormente, criando novas memórias que as pessoas narram crendo ser verdadeiras quando na verdade possui um toque de imaginação.

Philippe Willemart defende a autoficção, em sua obra dedicou um capítulo para falar sobre o tema. O mesmo engajou alguns questionamentos duvidando sobre a veracidade das autobiografias:

“Como sustentar que uma autobiografia é possível, como não fazer de toda autobiografia uma autoficção se aquele que engaja na escritura não espontânea, isto é, submissa a revisões contínuas, se submete à linguagem, se perde e se multiplica nos seus rascunhos e esboços? Como defender a autobiografia enquanto o escritor, mesmo se ele se retoma após cada rasura, não recai toda vez e muitas vezes sem o saber no mesmo defeito, se defeito há, a saber, uma submissão aos terceiros já citados? (WILLEMART, 2009 p.146 e 147)

Nesse contexto, no processo de escrever sobre si e antes de concluir a obra, o autor retorna ao rascunho várias vezes. Ele apaga, modifica, reescreve, muda-se a ideias, troca-se palavras, adiciona e retira informações, em outras palavras ele é o primeiro leitor e fez as devidas alterações, para que o texto ficasse exatamente da maneira que ele deseja, tudo que está escrito é o que ele quer que as pessoas leiam e saibam sobre ele. Como o próprio Willemart afirmou, não é uma escrita espontânea, no qual as memórias e os pensamentos afloram e se dissolvem na escrita naturalmente. A escrita passa por apuração e seleção. Seleção pois ele escolhe quais as memórias ele deve relatar, e apuração, pois depois de finalizado o rascunho, ele analisa e julga o que é necessário permanecer e o que é preciso tirar e o que é preciso ser escrito novamente, e nesse processo ele pode exagerar alguns fatos, omitir informações que seriam relevantes, ele pode narrar um momento e não ser exatamente daquela forma e assim o autor padroniza o texto para que ele fique no modelo que ele desejou, com as informações que ela almeja que as pessoas saibam.

Willemart defende a teoria, de que a autoficção desenvolve-se através das interpretações que o autor possui daquele momento narrado. Conforme pontua o teórico na citação (2009, p. 147) “O primeiro porque o próprio eu que é seu objeto não é uma substância ou uma identidade fixa, mas efeito da linguagem. Acreditamos ter vivido tal acontecimento com tal intenção, mas nossos próximos viram outro tipo de participação e o interpretarão de outra maneira. ” Ou seja, no processo de escrever sobre si, os momentos narrados são de acordo como autor sentiu e vivenciou, é a forma como ele viu, como ele acredita ser, então ele vai narrar conforme ele compreende, é sua visão de mundo presente na obra. Outras pessoas que participaram daquela memória podem negá-la ou afirmar que aquela situação não ocorreu exatamente como descrito, pois sua impressão daquele momento será outra. Cada pessoa possui uma interpretação individual acerca das lembranças recordadas, que podem ser diferentes de pontos de vistas de outras pessoas que participaram daquela memória, como também do que realmente aconteceu.

## A representação da autoficção em *Infância*

Podemos identificar a autoficção na obra *Infância* de Graciliano Ramos através das falhas das lembranças. Sobre as armadilhas das memórias, Kohan pontua no seguinte trecho “La memoria juega con los recuerdos, los disgrega y los asocia con otros o con la fantasía de algo que pudo haber sido, pero no fue. Cada recuerdo está plagado de agujeros que suplanta nuestra fantasía, lo que queda fijado es fragmentario y ambiguo (KOHAN, 2016 P. I). Conforme já foi dito anteriormente as memórias não são sólidas. Existem alguns fatores como o tempo, as experiências, o contexto atual e nossa compreensão do presente que altera a recordação que tínhamos daquele momento. A necessidade de preencher o espaço vazio de algumas memórias, nos direciona a misturar fragmentos de outras. Na obra *Infância* evidencia-se essa relação “Desse antigo verão que me alterou a vida, restam ligeiros traços apenas. E nem um deles posso afirmar que efetivamente me recorde. O hábito me leva a criar um ambiente, imaginar fatos a que atribuo realidade. (RAMOS, 2015, p. 27). Ou seja, o fato narrado trata-se de lembrança real, esse verão realmente existiu, assim com os outros vários verões que ele vivenciou, entretanto percebe-se que as dificuldades de recordar induzem o autor no momento de recordar, misturar fatos com imaginação. No processo de escrita de si, ao relatar os momentos vividos, o autor realiza a autorreflexão, apuração e análise sobre suas ações, sobre seu passado com a finalidade de obter autoconhecimento como também analisar os caminhos diferente que sua vida poderia ter cursado conforme na passagem:

El escritor autoficticio realiza una transacción entre lo que realmente fue o es lo que quiso o le hubiera gustado ser y al mismo tiempo le está permitido imaginar lo que no le llegó nunca a suceder, como se hubiese ocurrido. En esa operación de fabulación de sí mismo, de autoengaño o sublimación de la realidad, procedimientos, por otra parte, tan humanos y a veces tan necesarios para poder seguir viviendo, se amalgama lo real-biográfico con lo biográfico-soñado. (ALBERCA, 2007, p. 171)

Verifica-se essa relação de análise do passado, compreensão dos “eus” (eu de hoje, o de ontem) o peso das atitudes autor e análise do homem de hoje com relação a criança de ontem na medida em que se escreve sobre si, é subjetivo, e o autor ler seu texto várias vezes, retira o que considera impróprio. Não há como não auto ficcionalizar a escrita, conforme no seguinte fragmento:

Não me arriscaria a magoá-lo: queria somente convencer-me de que poderia fazer alguém padecer. O meu ato era a simples exteriorização de um sentimento perverso, que a fraqueza limitava. Se a experiência não tivesse gorado, é possível

que o instinto ruim me tornasse um homem forte. Malogrou-se- e tomei rumo diferente. (RAMOS, 2015, p.91)

Nesse fragmento Graciliano Ramos fala da primeira vez que tentou machucar alguém, no caso José, que era um garoto criado por sua família e nessa memória ele analisa o que ele poderia ter se tornado, um homem forte, admirado e temível, se ação tivesse concluído, como não concluiu se tornou o que ele foi, um escritor. Conclui-se que no processo de escrita do eu, o autor realiza reflexões sobre as próprias ações verificando as imensas possibilidades e caminhos que sua vida seguiria, se agisse de outra forma, nesse sentido a autoficção ela insere-se na narrativa, misturando imaginação com realidade.

Segundo Alberca uma das características principais da diferença entre a autobiografia e autoficção, é o pacto ambíguo que se desenvolve nessas obras, conforme evidencia-se no seguinte fragmento “Por mi parte, sostengo que el rasgo definitorio de muchos de estos relatos es su oscilación, el no ser ni autobiografías ni novelas, o no serlo en exclusiva, simulando a veces ambas opciones y jugando a la confusión” (ALBERCA, 2007 p. 172). Ou seja, tudo que está escrito não será 100 % verdade e nem imaginação, a ficção oscila entre os dois pactos, misturando momentos vividos com fantasia.

### **Considerações finais**

Sabemos que este artigo segue inconcluso como todas as pesquisas científicas embora tenhamos realizado a assimilação das teorias acerca das temáticas autobiografias e autoficcionais com a obra *Infância* de Graciliano Ramos. A obra apresenta características autobiográficas, pois o autor possui relação como o personagem e narrador, a obra é narrada em primeira pessoa, e as memórias relatadas são histórias da vida de Graciliano Ramos e decidimos, nomeá-la de auto ficcional por todas as pontuações que fizemos apoiados nas teorias aqui discutidas e desenvolvidas através das falhas das memórias, e das autoanálises reflexivas que o autor faz em sua narrativa. Portanto a obra caracteriza-se como escrita autoficcional.

### **Referências**

ALBERCA, Manuel. **El pacto ambíguo de la novela autobiográfica a la autoficción** .Madrid: editorial Biblioteca, 2007

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

COSTA, Margareth Torres de Alencar. **SÓROR JUANA INÉS DE LA CRUZ: AUTOBIOGRAFIA E RECEPÇÃO**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vertice, 1990

IZQUIERDO, Ivan. **Memoria**. São Paulo: editora Artmed, 2018

Kohan, Silvia Adela. **Autoficción: escribe tu vida real o novelada** (Spanish Edition) . Alba Editorial. Edição do Kindle. (2016)

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inés Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

MIRAUX, Jean-Philippe. **La Autobiografía: las escrituras del yo**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 2015.

WILLEMART, Philippe. **Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise**. São Paulo; Perspectivas, 2009.